

Revisitando “Do sonho à realidade”: Um olhar sobre a memória institucional da Escola de Enfermagem de Natal¹

Revisiting "From Dream to Reality": A look at the institutional memory of the Natal School of Nursing

Recebido: 15/01/2026 | **Revisado:** 04/04/2026 | **Aceito:** 04/04/2026 | **Publicado:** 08/07/2026

Luana Maia de Souza

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-0781-9488>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
E-mail: maia.luana@escolar.ifrn.edu.br

Juan Carlo da Cruz Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3727-389X>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
E-mail: juan.cruz@ifrn.edu.br

Como citar: SOUZA, L. M; SILVA, J. C. C. Revisitando “Do sonho à realidade”: Um olhar sobre a memória institucional da Escola de Enfermagem de Natal¹. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S.l.], v. 01, n. 26, p.1-11 e19372, jul. 2026. ISSN 2447-1801. Disponível em: <Endereço eletrônico>.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 Unported License.

Resumo

A resenha discute o livro "Do sonho à realidade: 50 anos da Escola de Enfermagem de Natal", fruto de um estudo historiográfico que se utiliza de documentos institucionais, fotografias, depoimentos e entrevista para traçar a evolução da Educação Profissional da Escola de Saúde norte-rio-grandense. A análise da obra aborda a narrativa percorrida pelos autores desde a fundação da instituição na década de 1950 até o ano de 2004, discutindo as representações constituídas sobre a Escola. Destaca os avanços e desafios enfrentados, em marcos históricos como a incorporação da Escola à Universidade em 1964, a criação do curso de graduação de Enfermagem em 1973 e a reestruturação do corpo docente. Utiliza as imagens, depoimentos e entrevista com a professora Oscarina Saraiva para humanizar os dados, corroborando com uma representação histórica de instituição “heroica e feminina”, que superou crises e se reinventou, consolidando sua identidade na prática do cuidado. A análise valida a obra enquanto fundamental para a compreensão do passado da Educação Profissional em saúde potiguar, fundamentando seu futuro.

Palavras-chave: Historiografia; Educação Profissional em Saúde; Memória institucional.

Abstract

The review discusses the book “From dream to reality: 50 years of the Natal School of Nursing,” the result of a historiographical study that uses institutional documents, photographs, testimonials, and interviews to trace the evolution of professional education at the Rio Grande do Norte School of Health. The analysis of the work addresses the narrative covered by the authors from the institution's founding in the 1950s to the year 2004, discussing the representations constituted about the School. It highlights the advances and challenges faced, in historical milestones such as the incorporation of the School into the University in 1964, the creation of the

¹ Para a presente resenha ressaltamos e agradecemos o apoio e financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES).

undergraduate Nursing course in 1973, and the restructuring of the teaching staff. It uses images, testimonials, and an interview with Professor Oscarina Saraiva to humanize the data, corroborating a historical representation of a “heroic and feminine” institution that overcame crises and reinvented itself, consolidating its identity in the practice of care. The analysis validates the work as fundamental to understanding the past of professional health education in Rio Grande do Norte, laying the foundation for its future.

Keywords: Historiography; Professional Health Education; Institutional Memory.

GOMES, Cleide Oliveira *et al.* **Do sonho à realidade: 50 anos da Escola de Enfermagem de Natal.** Natal: EDUFRN, 2006.

Publicada originalmente no ano de 2006 e revisitada por ocasião do dossiê em comemoração aos 70 anos da Escola de Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), a obra "Do sonho à realidade: 50 anos da Escola de Enfermagem de Natal" se constitui em um estudo de caráter historiográfico crucial para compreendermos a evolução da Educação Profissional em saúde norte-riograndense. Esse livro não se limita a um registro cronológico, pois reúne documentos oficiais, fotografias e memórias impressas em depoimentos e em uma entrevista, se mostrando necessário para a preservação da historiografia da instituição.

Logo, este importante registro foi realizado por meio do protagonismo de oito mulheres que participaram ativamente do desenvolvimento histórico da Escola, a qual, ao longo do tempo, se consolidou enquanto parte do patrimônio da Educação Profissional local. Pensar nesta Escola é pensar em uma instituição que atravessou desafios e precisou reinventar-se continuamente frente às necessidades sociais e de profissionalização naturais ao período constituído.

Nesta perspectiva, as autoras da obra foram: Cleide Oliveira Gomes, graduada e mestre em Enfermagem pela UFRN, que atuou como professora, vice-diretora e diretora da Escola de Enfermagem de Natal (EEN); Edilene Rodrigues da Silva, graduada e mestre em Enfermagem pela UFRN, doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina, que foi professora e diretora da EEN; Francisca Idanésia da Silva, graduada e mestre em Enfermagem pela UFRN, que atuou como professora e diretora de ensino da EEN; Francisca Nazaré Liberalino, graduada em Enfermagem pela UFRN, que foi professora do departamento de Enfermagem da UFRN; Gilvania Magda Luz de Aquino, graduada e mestre em Enfermagem pela UFRN, que atuou como coordenadora do curso técnico em Enfermagem da EEN e foi vice-diretora da Escola de Saúde da UFRN; Raimunda Medeiros Germano, enfermeira, mestre e doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, que atuou como professora da UFRN; Rita de Cássia Girão de Alencar, enfermeira, mestre em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, que foi diretora de ensino da EEN; e, Rosalba Pessoa de Souza Timoteo,

graduada em Enfermagem, mestre e doutora em Educação pela UFRN, que atuou como professora do departamento de Enfermagem da UFRN (Gomes *et al.*, 2006).

Por conseguinte, apresentamos a resenha desta obra partindo do princípio proposto por Le Goff (1990, p. 24) de que “O passado é uma construção e uma reinterpretação constante e tem um futuro que é parte integrante e significativa da história”, tendo a consciência dos desafios ultrapassados e resultados alcançados pela instituição, e compreendendo a relevância epistemológica do livro, que faz-se contemporâneo. Nessa perspectiva, nosso objetivo se desdobra em explorar o volume em questão, buscando discutir os aspectos mais pertinentes registrados no percurso da Escola e compreender as representações que emergiram desde sua criação até o ano de 2004.

Isto posto, apontamos que a obra se estruturou de forma didática, alternando a narrativa histórica com relatos memorialísticos. Destacamos, nesse ínterim, o uso da metodologia da História Oral, a qual é realçada na entrevista com a professora Oscarina Saraiva Coelho², cujo percurso como docente e diretora confere vida aos dados institucionais, considerando sua trajetória profissional marcante. De forma complementar, a análise das imagens do livro reforça a predominância feminina na Enfermagem, vinculando a identidade da Escola ao cuidado como um atributo histórico da mulher. Tais discussões percorreremos de forma mais detalhada adiante.

Conforme exposto no sumário da obra, a trajetória discutida no texto percorre três grandes períodos. Inicialmente, o estudo apresenta o primeiro capítulo intitulado "Do sonho à realidade – a criação de uma Escola de Enfermagem em Natal", seguindo para o segundo momento denominado "A Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal - Crises e desafios", e finalizando com o capítulo "A construção de uma nova fase - a Escola de Enfermagem de Natal". De forma resumida, trataremos os principais acontecimentos relatados no livro a fim de elucidarmos as discussões.

Inicialmente, compreendemos que a criação desta Escola foi impulsionada pelo cenário social estabelecido no Brasil e particularmente no estado do Rio Grande do Norte. A década de 1940 registrou o pós segunda guerra e um processo de industrialização/urbanização acelerado, o qual fomentou a necessidade de qualificação de profissionais para atender a população. Conforme apontado pelas autoras, os primeiros passos nesse sentido ocorreram em julho de 1950, quando o médico Januário Cicco, presidente da Sociedade de Assistência Hospitalar (SAH), juntamente com a sua diretoria, buscou estruturar a Escola.

Em meio ao cenário estabelecido, há que se considerar a legislação de nº 775, datada de 6 de agosto de 1949, que trazia a obrigação dos estabelecimentos assistenciais funcionarem com enfermeiras técnicas. Conforme exposto na prestação de contas do exercício do ano de 1950 da Escola, este passo mostrou-se de extrema importância no sentido da qualificação profissional da classe, uma vez que até o

² Graduada em Enfermagem pela Faculdade de Enfermagem Nossa Senhora das Graças (Recife/PE), realizou mestrado na Escola de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz-FIOCRUZ, foi professora do curso de Auxiliar de Enfermagem e enfermeira do Hospital Miguel Couto. Após a incorporação da Escola de Enfermagem à UFRN, esta foi a primeira enfermeira contratada para o quadro de docentes, assumindo em 1967 o cargo de diretora da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal (Teodósio *et al.*, 2013).

momento, nos estabelecimentos hospitalares brasileiros, o desenvolvimento das atividades de Enfermagem se fazia por enfermeiras leigas, carentes de profissionalização.

De acordo com a obra, esse documento propunha ainda atender o interior do Estado, por meio da idealização de formar moças e senhoras residentes no interior para que se tornassem enfermeiras e parteiras, atendendo a demanda existente nos municípios. Até o ano de 1955, contudo, não houve resposta da Presidência da República sobre a solicitação de autorização para funcionamento oficial da Escola e, diante disso, esta passou a oferecer apenas cursos de curta duração que formavam auxiliares de parteiras e puericultoras.

Com o relatório desenvolvido quando da realização da visita da enfermeira Isaura Barbosa Lima no ano de 1955, por solicitação da presidência da república, foi observada limitação nos recursos disponíveis da Escola, e determinado que a instituição se limitaria a promover a formação de auxiliares de Enfermagem no Hospital Miguel Couto, localizado onde funciona atualmente o Hospital Universitário Onofre Lopes (HUOL), conforme exposto pela Portaria ministerial de nº 381, de 7 de dezembro de 1955.

Para ingresso na Escola, as candidatas precisavam apresentar idade mínima de 16 anos, conclusão do curso primário ou ginásial em curso, comprovante de sanidade física e idoneidade moral por meio de documentos, assim como aprovação em provas nas matérias de português, aritmética, geografia e história. A instituição funcionava em regime de internato e externato, iniciando sua primeira turma em 01 de março de 1956, com a realização de aulas teóricas e práticas durante 18 meses, em disciplinas que compreendiam principalmente conteúdos de ordem médica voltados à anatomia, patologia, doenças, clínica médica e cirúrgica, higiene, noções de puericultura, pediatria educação sanitária, história da Enfermagem, dentre outros.

Nas imagens apresentadas nesta obra é possível observar a predominância de figuras femininas na execução da prática docente e discente, o que reforça a percepção do vínculo das atividades de cuidado atribuídas à figura da mulher. Nesse sentido, ressaltamos que no relatório da SAH, datado de 1956, registra-se a Escola como um ambiente alegre, referindo-se aos professores e alunos como do sexo feminino. Sobre essa análise, as próprias autoras registram que até o ano de 1960 as turmas foram constituídas apenas por mulheres, com exceção da presença de um homem na turma de 1959, que abandonou o curso pouco depois de seu início.

As fotografias mais antigas refletem a disciplina das alunas na utilização do fardamento, pois estas apresentavam-se em um padrão impecável, sugerindo rigidez da instituição no período. A postura das estudantes nas fotos, que são predominantemente posadas, revela-se semelhante, com pernas alinhadas e braços sobrepostos, o que reforça nossa percepção anterior. Nas fotos descontraídas, entretanto, registradas no transporte coletivo da Escola ou na frente da instituição, vemos maior espontaneidade. Em contrapartida, nas imagens registradas a partir da década de 1970, percebemos uma postura mais descontraída dos estudantes, assim como um discreto aumento na quantidade de homens nas turmas.

Conforme relatado pelas autoras, a primeira turma do curso obteve 20 inscrições e culminou na matrícula de 11 alunas, dentre as quais apenas 8

conseguiram finalizar o curso. Registra-se no livro dificuldades na ocupação das vagas oferecidas, apontando-se a ausência de candidatos e baixo rendimento no curso, como principais motivos. Em meio à escrita, observamos que um momento de extrema importância considerado como marco pelas alunas tratava-se da sessão solene de recepção de toucas, que representava o compromisso com a profissão e sua responsabilidade no desenvolvimento desta, somente ocorrendo quando do ingresso das estudantes no ensino prático na Enfermagem.

Um fato importante a ser relatado é que até 1960 a Escola não possuía ainda reconhecimento do Ministério da Educação e Cultura e apenas por meio do Decreto Federal de nº 49/120-A, a instituição foi reconhecida como a Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal (EAEN) e com isso promovida a solenidade de formatura para as turmas concluintes no período de 1957 a 1960. As autoras relatam que a solenidade diplomou 47 formandas e obteve destaque social à medida que reuniu autoridades locais e grande contingente de convidados.

Uma outra importante marca na trajetória da instituição se refere à sua incorporação à UFRN no ano de 1964, o que promoveu melhorias no desenvolvimento dos cursos mediatizados, uma vez que despontou no aprimoramento do quadro docente, nas instalações físicas e materiais, que já se mostravam incipientes.

A manutenção da Escola com essa alteração, por sua vez, passou a ser de responsabilidade da UFRN, no entanto, havia contribuições externas que ocorriam através do Fundo Internacional de Socorro à Infância (FISI) com a destinação de bolsas de estudos a algumas alunas, assim como do Programa de Ajuda às Escolas de Auxiliares de Enfermagem do Projeto 287/6302, que destinava recursos para o aprimoramento do ensino da Enfermagem conforme estabelecido na Política Nacional de Saúde.

Logo, a década de 1960 foi sublinhada como um período de transição para a EAEN, uma vez que a mesma também obteve novas instalações, passando a ser localizada na avenida Nilo Peçanha, 619, no bairro de Petrópolis. Ademais, a Reforma do Ensino Universitário ensejada nacionalmente, provocou mudanças profundas nos cursos existentes. Para a classe profissional, um dos mais importantes paradigmas foi a criação, em 13 de agosto de 1973, do curso de graduação em Enfermagem na UFRN, o qual impulsionou a criação do departamento de Enfermagem e o ingresso da primeira turma de alunos.

É profícuo apontar que a criação do curso de graduação representou um avanço no ensino da Enfermagem de acordo com a obra, contudo, as instalações, materiais, equipe de professores e funcionários existentes para atender a formação dos auxiliares passaram a ser destinados ao curso de graduação, o que provocou conflitos internos. Nesse sentido, a coexistência dos três cursos se configurava como um desafio institucional, tendo em vista as limitações estruturais e didáticas, assim como a correlação de forças decorrentes da relação entre os discentes dos cursos.

Considerando o desafio de manutenção de ambos os cursos e o advento da Lei de nº 5.692/71, que impulsionou o ensino profissionalizante, mantinha-se o compromisso da EAEN com o ensino profissionalizante no desenvolvimento dos cursos de auxiliar e técnico de Enfermagem ao público, assim como expandia-se essa profissionalização à nível técnico por meio de convênios com colégios de 2º grau em

Natal/RN. Nessa perspectiva, as autoras apontam que no fim da década de 1970, tendo em vista a expansão da indústria, a qualificação de profissionais dessa área tornou-se cada vez mais latente, o que culminou em um momento ainda mais desafiador para a EAEN que passou a formar auxiliares de Enfermagem em apenas 11 meses, prezando por manter a qualidade do curso.

Neste período enfatiza-se que a manutenção dos cursos de graduação, técnico e auxiliar de Enfermagem pelo departamento desdobrava-se em um desequilíbrio, tendo em vista a redução da quantidade de docentes e recursos disponíveis. Desta feita, parte dos professores passou a vislumbrar a transferência da Escola para a Secretaria de Educação e Cultura estadual, conforme convênio com a universidade.

Uma outra discussão apontada no texto trata da dificuldade de inserção do técnico de Enfermagem no mercado de trabalho na década de 1970. De acordo com as autoras tal fato decorria da "inexistência de uma regulamentação trabalhista para o técnico de Enfermagem" (Gomes *et al.*, 2006, p. 32), e por este motivo a Escola passou a dedicar-se, nesse período, à formação de auxiliares de Enfermagem em maior escala.

Para as autoras, elementos como a ausência da infraestrutura para o desenvolvimento do ensino profissional, assim como a discordância das classes sociais mais abastadas na obrigação do desenvolvimento de cursos profissionalizantes, culminou em uma redução do ingresso de estudantes nas Escolas Técnicas de Enfermagem, fazendo com que houvesse a extinção dos convênios estabelecidos pela Lei de nº 5.692/71, por parte do Governo. Em contrapartida, a EAEN consolidava-se enquanto principal Escola profissionalizante de Enfermagem local, obtendo através de novo convênio entre a UFRN e a Secretaria Estadual de Educação e Desporto do RN, a contratação de enfermeiros para exercer a docência nos cursos de auxiliar e técnico.

À nível nacional, para as autoras, a década de 1980 transitou entre um discurso referente a escassez de mão de obra deste profissional para um de superlotação de profissionais graduados. Esse movimento causou uma discussão entre os profissionais docentes da área, pois grande parte destes passou a apoiar a suspensão do curso de técnico em Enfermagem, assim como a transferência da EAEN para a responsabilidade estatal ou até sua completa extinção. Mediante a correlação de forças apontada, um grupo de docentes mostrou resistência a esse processo, impedindo que se consolidasse em meio à atribuição de uma representação heróica.

Há que se considerar o cenário configurado na década de 1980, que remonta à busca por reabertura política e por direitos sociais, conforme estabelecimento da ditadura civil-militar. As autoras afirmam, nesta perspectiva, que a categoria buscou através de movimentos sociais como o Movimento da Reforma Sanitária, a melhoria nos serviços de saúde, fomentando os primeiros passos desse desenvolvimento a partir da implantação do Sistema Único de Saúde (SUS).

Outrossim, no ano de 1996, foi aprovada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de nº 9394, que se debruçava em um compromisso educacional voltado, principalmente, à universalização e melhoria da escola pública. Ademais,

aponta-se a importância do Movimento de Participação que buscou desenvolver a categoria profissional da Enfermagem para a obtenção de uma consciência crítica e moral.

Nesta perspectiva, conforme sinalizado na obra, a estrutura da EAEN permanecia insuficiente para o atendimento dos cursos até o início da década de 1990, todavia, fruto das determinações estabelecidas pela LDB e pelas diretrizes curriculares nacionais para a educação de nível técnico, por meio do parecer CNE/CEB de nº 16/99 e da Resolução CNE/CEB de nº 04/99, assim como, por meio da filiação da EAEN ao Conselho Nacional de Dirigentes das Escolas Técnicas vinculadas às Universidades Federais (CONDETUF), foi possível que essa instituição fosse reestruturada no ano de 1997.

Na obra citada, se faz perceptível a mudança de paradigma ocorrida após esse processo, considerando que a EAEN até o presente momento não possuía um quadro docente próprio e por meio deste movimento foi realizado o primeiro concurso público que veio a atender esta demanda. Outrossim, a estrutura física incipiente da Escola permanecia como um desafio pois continuava a atender um expressivo número de estudantes originárias da graduação, pós-graduação e dos cursos regulares e básicos. Na escrita do livro, observamos que as autoras reafirmam continuamente a representação de uma Escola exemplar e ética, enfatizando a importância dos docentes no desenvolvimento da trajetória educacional norte-rio-grandense da área e no combate aos obstáculos constantemente enfrentados.

Conforme exposto no estudo, no ano de 1999, a instituição passou a se chamar Escola de Enfermagem de Natal (EEN) obtendo um quadro de funcionários efetivo, integrado por 12 docentes, oito professores cedidos pela Secretaria de Educação, Cultura e Desportos, e oito professores vinculados à UFRN. Registra-se que apenas em 2004 a instituição foi transferida para o campus da UFRN, passando a contar com uma estrutura física mais adequada para atender seus diversos níveis de ensino.

As autoras pontuam ainda sobre o envolvimento da Escola no Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem (PROFAE), que promoveu a qualificação de mais de 500 técnicos de Enfermagem no ano de 2002 e mais de 350 em 2004, conforme o desenvolvimento de cursos nos diversos municípios do estado. Essa iniciativa simbolizou para a instituição uma representação de expansão e consolidação de seu papel no cenário estatal, impulsionando sua participação em projetos voltados à Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Programa nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), atuante na zona rural.

Ademais, no decorrer da escrita dessa obra, foi anexada a transcrição de uma entrevista com a enfermeira e professora Oscarina Saraiva, a qual desempenhou um papel de extrema importância na constituição da EEN. É possível perceber em meio a análise da conversa retratada que tratou-se de uma entrevista planejada anteriormente, com um roteiro de perguntas semiestruturado que permitiu a liberdade de discussão entre os participantes. Podemos inferir ainda que esta passou por etapas metodológicas de transcrição e transcrição textual, considerando o produto final apresentado.

A conversa ora apresentada, por sua vez, denota o protagonismo desta profissional no percurso historiográfico da Escola, considerando que sua atuação compreendeu as funções de docência, Enfermagem e posteriormente de diretoria na Escola. A entrevistada, em seu discurso, retoma a trajetória institucional em meio aos apontamentos sobre as dificuldades atravessadas principalmente no período anterior a 1964, ano em que a Escola foi absorvida pela UFRN. No intuito de elucidar essa discussão, apontamos uma passagem interessante da entrevista que reforça esse discurso:

No início havia um convênio com a Secretaria de Educação do Estado, que cedia alguns professores para a Escola. Na segunda metade da década de 1960, com a contratação dos professores, o crescimento desencadeou-se, pois a Escola passou a ter seu quadro próprio de docentes. A Escola também cresceu quando saiu de dentro do Hospital, porque nós trabalhávamos, dávamos aula e assistência; nós éramos enfermeiros, ou seja, dávamos as aulas na Escola e a assistência no Hospital; pela manhã, estávamos no Hospital com os alunos, e à tarde, dávamos aula. Era assim que funcionava.

Enfim, a partir do momento em que foi definido o enquadramento da Escola na UFRN, ela teve uma posição definida. Que antes ela era, coitada, aliada sem nenhum posicionamento. Sempre que precisávamos de algo tínhamos que pedir "por favor" (Gomes *et al.*, 2006, p. 54).

Em sua narrativa, é possível perceber além das tensões, o prazer de Oscarina no desempenho da profissão, a qual ressaltou que a EEN exercia um papel que transcendia seus muros, possibilitando prover aos estudantes desenvolvimento profissional, pessoal e inserção no mercado de trabalho. Outrossim, esta apontou que a instituição promoveu uma considerável melhoria assistencial pois os profissionais inseridos nela (atendentes, por exemplo) eram constantemente matriculados no curso de auxiliar, o que lhes proporcionava a diplomação neste curso e no ginásio. Sobre as representações das memórias tratadas por Oscarina, que atribuem à instituição excelência, ressaltamos consoante a Bosi (2023, p. 57), que:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve se duvidar da sobrevivência do passado, "tal como foi", e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual.

A entrevista registrada exerce um papel preponderante dentro da escrita da obra, uma vez que através das representações sobre as memórias da enfermeira é possível dar vida à escrita historiográfica. Isto posto, compreendemos a importância

da visão de Oscarina sobre suas vivências do passado conforme representações atribuídas no momento da entrevista e denotamos que o uso da História Oral nos permite alcançar informações muitas vezes ocultas nos documentos. Contudo, se faz necessário compreendermos as limitações metodológicas, pois a narrativa baseada em atores específicos pode omitir outras facetas dos acontecimentos históricos.

Na sequência da obra foram registrados depoimentos de outros quatro atores institucionais que vivenciaram a constituição da Escola. Nessa perspectiva, o primeiro desses registros foi o de Raimunda Medeiros Germano, professora da instituição a partir da década de 1960. Em seu discurso, esta sinalizou que após a promulgação da Lei 5.692/71 houve maior relevância no ensino profissional, o que refletiu na Escola através da realização de cursos de Auxiliar de Enfermagem em um período reduzido de 11 meses, para estudantes com escolaridade a partir do 1º grau completo. Raimunda ressaltou que a Escola no início da década de 1970 vivenciava um momento de tensão e rigidez, considerando o período ditatorial. Ademais, a mesma apontou que o período de fundação do curso de graduação em Enfermagem, acabou por provocar conflitos internos na instituição, uma vez que o corpo docente sentiu-se sobrecarregado e de forma emergencial, para manter todos os cursos ativos, recorreu ao apoio de enfermeiras da Secretaria de Educação estatal, para que estas prosseguissem com as aulas teóricas do curso de auxiliares.

O relato de Nadir Soares Vila Nova, inicialmente professora voluntária da Escola no final na década de 1960 e posteriormente contratada como efetiva do corpo docente, corrobora com essa discussão pois enfatiza que o princípio do curso de graduação em Enfermagem da UFRN trouxe tensões à medida que os professores migraram e/ou acumularam funções, acabando por priorizar o novo curso. De acordo com esta, tal situação foi minimizada após a Secretaria de Educação e a UFRN realizarem uma parceria para disponibilização de enfermeiros que se dispuseram ao exercício da docência no ensino técnico.

Maria Élide Santos de Sousa, que atuou na instituição como professora, enfermeira e supervisora de estágios durante a década de 1960 e 1970 juntamente com Nadir e Raimunda, reforçou a mudança de perspectiva ocorrida por meio da LDB de 1971, assim como os desdobramentos dentro da Escola anteriormente citados pelas demais. A mesma ilustrou de maneira pessoal o ocorrido considerando relato de sobrecarga em suas atividades profissionais, tendo em vista que exercia o cargo de diretora da Escola devido ausência de Oscarina no período. Mesmo diante do desafio, Élide reforçou que este teve grande importância à medida que no período estruturava-se o Departamento de Enfermagem.

Além desses relatos, a obra nos apresenta ainda o depoimento da enfermeira Guiomar Pereira Barreto, que atuou principalmente em um convênio entre a UFRN e o projeto norte-americano Hope, desenvolvido inicialmente no Hospital Walfredo Gurgel e estendido para a Unidade de Terapia Intensiva do Hospital das Clínicas e para a Maternidade Escola, nos quais os alunos da EAEN realizavam visitas e aprendiam procedimentos novos.

Com base nos depoimentos supracitados, é possível elucidar as informações apresentadas por Oscarina, a medida que observamos uma congruência na memória coletiva do grupo de trabalhadoras da Enfermagem da época, promovendo identidade

entre os integrantes através dos fragmentos das memórias individuais de cada uma delas. De acordo com Halbwachs (1990), esse fenômeno desponta pois as memórias individuais são construídas coletivamente de acordo com o grupo que nos encontramos inseridos, recebendo, muitas vezes, validação. Logo,

Se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias (Halbwachs, 1990, p. 25).

Logo, os relatos discutidos anteriormente se destacam no texto considerando a eloquência das profissionais citadas, que apontam assim como a professora Oscarina, uma representação da Escola enquanto uma instituição heróica, que superou os desafios históricos interpostos e tornou-se referência no cenário nacional.

Diante do exposto, concluímos que a obra "Do sonho à realidade: 50 anos da Escola de Enfermagem de Natal" se constituiu enquanto uma leitura indispensável de preservação da memória da Escola de Enfermagem norte-rio-grandense pois reúne fontes e transcende a escrita cronológica da história, oferecendo protagonismo a alguns atores institucionais que fizeram parte dessa construção. O percurso trilhado reflete uma trajetória permeada por resistências, tensões internas e desafios de reconhecimento, que contribuíram para modelar a busca por uma prática de excelência e a consolidação de uma identidade predominantemente feminina na prática profissional do cuidado na área da saúde.

A narrativa, portanto, documenta marcos históricos fundamentais que não podem ser ignorados no percurso institucional pois se desdobram de forma basilar para a compreensão das representações constituídas. Finalmente, é importante que o leitor esteja atento à leitura isolada da narrativa heróica exposta, compreendendo a correlação de forças, fruto das tensões da época, que impulsionaram a reinvenção da EEN para sua consolidação enquanto relevante instituição de Educação Profissional no cenário potiguar.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das letras, 2023.

GOMES, Cleide Oliveira *et al.* **Do sonho à realidade: 50 anos da Escola de Enfermagem de Natal**. Natal: EDUFRN, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Stória e memória. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

TEODÓSIO, Sheila Saint-Clair da Silva *et al.* Oscarina Saraiva Coelho: uma história de dedicação à enfermagem. **História da Enfermagem: Revista Eletrônica (HERE)**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 58-71, 2013. DOI: <https://doi.org/10.51234/here.2013.v.4.269>. Disponível em: <https://periodicos.abennacional.org.br/here/article/view/269>. Acesso em: 1 abr. 2026.